Perspectiva Filosófica, vol. 48 n. 2, 2021

A AMBIGUIDADE EM "FAMIGERADO" E O *LÓGOS* COMO SENHOR PODEROSO

The ambiguity in "Famigerado" and the *lógos* as a powerful lord

---

Juliana Santana[1]

Roberto Antônio Penedo do Amaral[2]

RESUMO

O artigo tem o objetivo de verificar a possibilidade de estabelecer um diálogo entre os discursos apresentados no conto "Famigerado", do escritor mineiro João Guimarães Rosa, e a perspectiva de Górgias de Leontini sobre o *lógos*, conforme o apresenta no *Elogio de Helena*. Para alcançar o objetivo proposto pelo estudo, iniciamos com a indicação das ambiguidades presentes no conto de Guimarães Rosa. Em seguida, essas indicações nos permitiram perceber as ambiguidades presentes igualmente na teoria exposta no *Elogio de Helena,* tomando *lógos* ora como discurso, ora como palavra, sempre na condição de um senhor poderoso. Essa constatação nos levou ao último movimento do estudo, no qual pudemos associar as perspectivas sobre os *lógoi* propostas por Górgias e aquelas do discurso e das palavras que compõem a trama do conto rosiano em apreço. Deste modo, o desenvolvimento da discussão por nós proposta ao longo deste artigo aponta para afirmativamente a possibilidade de diálogo entre os textos estudados, pois tanto a configuração de "Famigerado" quanto a do *Elogio de Helena* e dos testemunhos sobre o pensamento de Górgias permitem estabelecer o *lógos* como um senhor poderoso.

Palavras-chave: *Famigerado*. *Elogio de Helena*. *Lógos*. Discurso. Palavra.

ABSTRACT

The paper aims to verify the possibility of establishing a dialogue between the speeches in the tale "Famigerado", wrote by João Guimarães Rosa, and Górgias' perspective from Leontini on *lógos*, as the sophist presents it in *Encomium of Helen*. To achieve the objective proposed by the study, we

---

[1] Doutora em Ética e Filosofia Política (UFSC). Professora do Colegiado de Filosofia na Universidade Federal do Tocantins (UFT) e do PPGLetras – Porto Nacional (UFT).
E-mail: jusantanaa@uft.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8192-1255.

[2] Pós-Doutor em Estudos Literários e Doutor em Educação (UFG). Professor do Curso de Licenciatura em Filosofia e do Mestrado Profissional em Filosofia na Universidade Federal do Tocantins (UFT).
E-mail: roberto.amaral@mail.uft.edu.br.ORCID: http://orcid.org/0000-0002-4426-9429.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

started with the indication of the ambiguities in the Guimarães Rosa´s tale. Further on, these indications allowed us to perceive the ambiguities equally present in the theory exposed in *Encomium of Helen*, taken *lógos* sometimes as a speech, sometimes as a word, always placed as a powerful lord. This observation led us to the last movement of the study, in which we were able to associate the perspectives on the *lógoi* proposed by Gorgias and those of the speech and words that make up the plot of the Guimarães Rosa´s tale under consideration. Therefore, the development of the discussion proposed by us throughout this article points to a dialogue between the studied texts, since the configuration of "Famigerado" as well as *Encomium of Helen* and of the testimonials on Gorgias' thought allow us to establish the *lógos* as a powerful lord.

Keywords: *Famigerado*. *Encomium of Helen*. *Lógos*. Speech. Word.

Introdução

Introduzimos este artigo a partir de uma interpelação que se constitui em sua própria razão de ser: é possível estabelecer um diálogo entre os discursos presentes no conto "Famigerado", que integra a coletânea *Primeiras estórias* (1962/2001) do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967), com a perspectiva de Górgias de Leontini (485 a.C.-389 a.C.,) sobre o *lógos*[3], conforme o sofista o apresenta no *Elogio de Helena*? O desenvolvimento da discussão por nós proposta ao longo deste texto aponta para uma resposta afirmativa na consecução de tal possibilidade. A despeito da distância temporal e geográfica que separa os escritos referenciados, a ideia de diálogo que preservamos, enquanto "uma conversa, uma discussão, um perguntar e responder entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca" (ABBAGNANO, 1998, p. 274), assegura o viés que defendemos, a saber, o de colocar os discursos de Guimarães Rosa e de Górgias para confabular, para trocar ideias, para colocar concepções em debate em torno de uma questão que os reúne: a arte de lidar com as palavras e com a linguagem com o intuito de torná-las sedutoras e persuasivas.

A configuração de "Famigerado" e de *Elogio de Helena*, bem como testemunhos acerca das teorias gorgianas, respeitando-se, é claro, as suas ca-

[3] Ao longo do artigo intercalaremos o uso de "*lógos*" com aquele de "discurso" e "palavra", na medida em que a interpretação feita permita o uso do termo grego em um ou outro sentido.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

racterísticas peculiares, alcançam realizar o potencial artístico e artificioso para o qual foram criados, qual seja, o de estabelecer o *lógos* como um senhor poderoso (*lógos dynástēs mégas estín*, *Elogio de Helena* 8), capaz de, seja ao colocar-se diante da inquestionável razão, seja para o enfrentamento da força bruta, surpreender a ambos mediante a astúcia da palavra e da linguagem.

Ambiguidades

O conto "Famigerado" é marcado por ambiguidades. A primeira se encontra nas possiblidades humanas figuradas pelas personagens centrais da breve trama: um médico de vilarejo, inominado, e o famigerado Damázio, "dos Siqueiras" (ROSA, 2001b, p. 58). O primeiro, um ilustrado doutor que atende os moradores carentes do lugarejo; o outro, um jagunço que, conforme nos informa o narrador, já tem suas atividades facínoras reduzidas e se anuncia como vindo da Serra, e com dificuldade em sua expressão discursiva. As ambiguidades surgem igualmente na relação deste último com os outros três personagens do conto, os "tristes três" (ROSA, 2001b, p. 56) que estão com Damázio, na condição de testemunhas e que, ao contrário do jagunço que é forte, tartamudo e de presença intimidadora, nada mais fazem no conto do que ficar acuados e "mumumudos" (ROSA, 2001b, p. 60), antes de, por fim, receberem a autorização para partir por parte daquele que os havia arrastado até a casa do médico.

Outras ambiguidades podem ser notadas no decorrer do texto, como nos "mundos" descritos no conto. Percebemos o mundo mais ilustrado e seguro no âmbito da casa do doutor, a quem Damázio procura a fim de dirimir uma dúvida; e o mundo cru e poeirento do próprio jagunço. Isso é-nos evidenciado pelas narrativas do médico, que indica um passado violento na vida pregressa de seu interlocutor, a partir do sertão de onde este outro vem, e que lhe rende fama nada apreciável. É indicado ainda pelo próprio Damázio quando, ao chegar à casa do médico, logo de chofre, apresenta sua desafeição por um "moço do Governo" (ROSA, 2001b, p. 58), recém-chegado à Serra, e que lhe desagrada tanto pela forma que lhe designa verbalmente, quanto pela posição que ocupa.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Entre as duas personagens tão distantes em tantos aspectos, amarra-se um laço pela criação quase poética das palavras do doutor às quais se predispõe Damázio. A estória que será contada, a nós e ao jagunço, pode ser interpretada como uma fabulação, como explicita Benedito Nunes, que escreveu sobre o mundo presente na prosa rosiana:

> Como residência humana, o mundo que podemos habitar pede, ao mesmo tempo, os dois adjetivos, o "mítico" e o poético". Permutáveis entre si, um não expulsa o outro. No mito, a poesia já tomou a palavra; e a palavra poética traz o mito em botão. Em **Grande sertão: veredas,** o mito, pela palavra poética arrebatado, responderia em sua capacidade de abrir o longe no perto e o distante no próximo, pelo abalo estético do leitor (NUNES, 1998, p. 37).

Pensamos que o mesmo possa ser afirmado em relação a "Famigerado". As duas formas de adjetivar o mundo assinaladas ratificam a tônica da ambiguidade no conto. A forma poética das palavras é capaz de encurtar as distâncias das personagens, ao menos para nós, os leitores. A narrativa do doutor, que se configurará como um tipo de fabulação poética mas também mítica, como algo que explica, mas não exatamente recorrendo ao todo do verdadeiro ajunta os mundos do conto.

A própria localização "geográfica" do texto ainda nos soa ambígua: o pequeno vilarejo também inominado, no qual o médico atende, parece ser um tanto mais civilizado e oposto ao local de origem do jagunço, a Serra; não somente pela distância espacial que os separa, seis léguas, mas, sobretudo, pela desproporção da linguagem entrevista pelos referidos personagens. O vilarejo inominado confere uma vida pacata e tranquila ao médico; a outra, a Serra, permitiu e ainda permite a Damázio uma vida façanhosa, conforme convém a um jagunço. Todavia, o sossego do vilarejo habitado pelo médico não está imune a desagradáveis surpresas que podem chegar, por exemplo, a cavalo à janela de sua casa.

Damázio, como escrevíamos há pouco, sai da Serra amparado por suas três tristes testemunhas e cavalga seis léguas para buscar, junto a um homem letrado, homem dotado de "grandezas machas" em sua instrução (ROSA, 2001b, p. 58), a explicação a respeito de uma alcunha que recebera. Tal alcunha, que a princípio não se sabe muito bem quem a conferira, é justamente aquela que dá título ao conto: "Famigerado". Em sua grossura, por

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

ele mesmo reconhecida, Damázio sequer consegue pronunciar corretamente o termo que, de forma surpreendente, para nós leitores, o faz mover-se pelas mencionadas léguas à procura de seu significado. Nosso estudo é mobilizado justamente por esse deslocamento e por seu motivo: o de dar sentido a *uma palavra*.

Em grego, *palavra* é *lógos*. E este é apenas um dos sentidos do termo que abordaremos aqui e que também pode ser ambíguo. É justamente uma não tão simples palavra, "famigerado", que tem nas linhas de Rosa, das quais podemos destacar a "'simplicidade complexa' do seu estilo, a aproximação prosa-poesia e a etopeia espiritual com que [ele descreve] a condição humana do homem do sertão" (QUINTELA, 2003, p. 61), o poder de mover um jagunço renomado pela destreza em seu ofício. Tão destro a ponto de chamar a atenção do governo e de seus representantes que passaram a atuar pelas cercanias onde laborava a personagem sertaneja. O contexto do conto trata-se daquele, portanto, em que "O aparecimento do Estado operou a grande divisão tipológica entre selvagens e civilizados, e inscreveu o inextinguível corte além do qual tudo é transformado, pois o tempo torna-se história" (CLASTRES, 1979, p. 433).

Um segundo sentido possível que vemos ainda aparecer no conto é o do *lógos* entendido como *discurso*. Matizado, segundo a nossa percepção, naquele proferido pelo moço do governo, quando este chama Damázio de "famigerado". O mesmo discurso está presente também, e de modo significativo, para a proposta que pretendemos defender, nas falas elaboradas e bem proferidas que o médico dirige ao seu interlocutor no final do conto. Nessas duas aparições, percebemos a força do *lógos* que, para além de mover localmente um agente, é capaz ainda de movê-lo em suas emoções e nos seus pensamentos. Com os *lógoi* (discursos, palavras) mencionados, o moço do governo foi capaz de pôr uma "pulga atrás da orelha" do agora ponderado e "cabismeditativo" jagunço, bem como foi capaz de fazê-lo sentir raiva. Por sua vez, o discurso final do médico do vilarejo, nosso narrador, é capaz tanto de deixar Damázio ainda mais pensativo, inquieto por não entender as explicações iniciais que são pomposamente apresentadas pelo doutor, mas que, por fim, são capazes de lhe apaziguar o ímpeto, arrefecendo sua raiva que fervia a ponto de deixá-lo em brasa.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Por tal presença ambígua do *lógos* no conto em questão é que entendemos ser possível fazer uma leitura do texto rosiano a partir das teorias apresentadas por Górgias. O sofista, em seu *Elogio de Helena*, nos apresenta uma defesa da Helena grega, levada por Páris para Troia, possibilitando, entre outros dois motivos, aquele de ela ter sido vencida por um senhor poderosíssimo, ao qual é impossível resistir: o *lógos*. Nesse e em outros textos, como em alguns fragmentos que restam na obra de Plutarco, Górgias nos aponta o *lógos* poético, que entenderemos aqui por seu viés ficcional, isto é, como dotado do mesmo poder de manipular os ouvintes, ideia bastante conhecida do movimento sofístico, associada frequentemente ao poder exercido pelos discursos especificamente retóricos. No conto de Guimarães Rosa é perceptível a aparição dessas duas possibilidades propostas ao *lógos* por Górgias.

Por tais apontamentos é que nosso estudo, daqui por diante, irá se desdobrar ainda em dois momentos. No primeiro, apresentaremos as teorias de Górgias acerca do poder do *lógos*. No segundo, trataremos de pôr em relação as duas proposições do sofista com trechos de "Famigerado" destacados para confirmar a presença dos dois sentidos de *lógos*[4] no conto.

O *lógos,* senhor poderoso

Górgias de Leontini, considerado um dos maiores sofistas a pisar sobre o solo ateniense[5], chega ao mundo contemporâneo e a este estudo como o autor de uma teoria que propunha o *lógos* como um grande senhor. Esta firmação é feita, como indicamos anteriormente, no seu *Elogio de Helena* (8), exercício retórico no qual o sofista busca isentar de culpa[6] Helena, esposa do rei Menelau, por ter sido levada (ou por ter-se deixado levar) para Troia, raptada pelo mais belo que valente príncipe Páris Alexandre. Ou, con-

[4] *Dissoì lógoi* podem ser entendidos como discursos duplos, ambíguos, conforme Cassin (2005, p. 297).

[5] Considera-se, normalmente e conforme o *Protágoras* de Platão, a despeito da informação dada por Filostrato (*Vidas dos sofistas,* I Introdução; I 9), que Protágoras teria sido além do primeiro, o maior de todos os sofistas.

[6] Tarefa malsucedida, como nos indica Isócrates (*Elogio de Helena,* 14), autor de um novo *Elogio de Helena*. Conforme este adversário, o que Górgias teria efetivado não seria exatamente um elogio, mas uma defesa (*apología*) de Helena. Sobre esse assunto, ver, além do texto de Isócrates, a artigo de Ticiano Lacerda, intitulado "O Elogio de Helena de Isócrates: réplica a Górgias e a unicidade de seu discurso epidítico".

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

forme estudiosos como Mourelatos (1987, p. 135;157), o que o texto gorgiano tece é um elogio ou uma celebração do poder do *lógos.* Independente da intenção de Górgias com seu *Elogio,* as atitudes dos dois personagens míticos foram as desencadeadoras da famigerada (sic) guerra de Troia e de todos os males que a cólera funesta do Pelida Aquiles fez deitar sobre os Aquivos de naus recurvas[7].

Diante de tantos problemas ocasionados pela partida de Helena, sua beleza homérica não foi suficiente para isentá-la das condenações proferidas pelas más línguas, raramente concordes como nesse caso, dos gregos e dos troianos. E é por tal motivo que Górgias, talvez para apresentar suas habilidades como professor de retórica – era tão somente isso que ele declarava ser (GUTHRIE, 2007)[8] –, provavelmente num ato de cabotinagem, propõem-se à quase impossível tarefa de defender Helena, livrando-a da culpa que lhe era atribuída. Para isso, indica quatro possíveis motivos da ida da heroína para Troia. Poderia ter sido conduzida pelo acaso, decreto ou vontade dos deuses ou da necessidade; poderia ter sido raptada sob violência; poderia ter sido levada pelo forte apelo do amor que, a partir da visão de Páris, acertou em cheio a sua alma; ou ainda, poderia "ter sido persuadida pelo discurso" (*Elogio de Helena,* 6). O sofista procura, com a elaboração e com o fim de tal elogio, livrar Helena de toda e qualquer destas acusações, e o faz de modo realmente muito convincente[9]; mas para o momento iremos nos deter neste que indicamos por último como motivo da partida de Helena, a persuasão ocasionada pelo discurso.

A razão pela qual nos determos neste e não nos outros motivos deve já ter ficado clara: nosso estudo pretende verificar um possível diálogo entre os discursos presentes em "Famigerado" e aqueles que são descritos por Górgias nos textos estudados.

---

[7] Cf. *Ilíaida*, I, v 2.

[8] Testemunhos também indicam Górgias exercendo a função de professor. Por exemplo, podemos citar passos anônimos presentes na *Suda*, que indicam o sofista como professor de Isócrates, e das *Refutações sofísticas* de Aristóteles (183b36-18a8).

[9] Ao final do *Elogio*, o pensador apresenta o seguinte desfecho para sua articulação retórica: "Fiz desaparecer, com este discurso, a má reputação de uma mulher, mantive-me nos limites da lei que havia fixado no início deste discurso, tentei dissipar a injustiça da reprimenda e a ignorância da opinião, pretendi redigir o discurso para que fosse, de Helena, um elogio; para mim, um divertimento" (*Elogio de Helena,* 21). Assim, concordamos que o texto, que também nos soa divertido, ao fim e ao cabo, se apresenta mais como um elogio do poder do *lógos*.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

De saída o pensador indica que, para o discurso, a ordem é a verdade. E tal discurso é mesmo apresentado como capaz de atravessar o tempo, levando quem ouve para outras épocas, com a finalidade da persuasão a favor do que é dito. Ademais, propõe que Helena não escaparia ao discurso, "que, por meio do menor e do mais inaparente dos corpos, realiza os atos mais divinos; pois ele tem o poder de dar fim ao medo, afastar a dor, produzir a alegria, aumentar a piedade" (*Elogio de Helena,* 8). Descrição esta que segue à afirmação de que o *lógos* é um "poderoso senhor", demonstrando para nós o poder que um discurso retórico – semelhantemente à poesia, especialmente à tragédia – feito sob medida tem de afetar a alma e as emoções humanas, por meio de seus artifícios ou enganos. Com isso, Górgias dota o discurso, mesmo o prosaico, de um poder antes exclusivo da poesia inspirada, embora possa ser proferido por homens sem contato com o divino, ou seja, por oradores (ROMILLY, 1973, p. 160)[10]. Além disso, são dotados, segundo o sofista, da potência de espantar a dor, provocando prazer e entrando na opinião (*dóxa*) da alma, numa espécie de persuasão encantatória. Exerceriam, conforme a indicação de Aldo Dinucci (2017, p. 28-29) acerca da doutrina do *lógos* gorgiana, o engano (*apátē*)[11] permitido pela opinião que o discurso é capaz de moldar (*plasseîn*).

Os discursos são compostos por palavras. No tratado Górgias se vale também do plural *lógoi,* e com suas ocorrências entendemos que se refere às palavras igualmente poderosas do discurso que descreve e que, conjunta-

[10] O percurso seguido por Górgias até trazer elementos de poesia para sua prosa é longo e segue uma espécie de evolução iniciada no seio da própria poesia, é o que nos conta Jacqueline de Romilly (1973). Ao seguir tal percurso, o sofista abre a possibilidade de trazer para sua prosa aspectos emocionais que eram próprios à poesia, em especial à poesia trágica do século V a.C., mas também dota seu *lógos* com um aspecto mágico encantatório que não poderia lhe ser concedido de outro modo que não pela humanização do discurso dotado desse tipo de poderes. Para a estudiosa, apesar de Górgias lidar no *Elogio* com os dois tipos de palavra mais irracionais, aquelas da poesia e aquelas da magia, pretende para elas um *status* semelhante àquela de uma *téchnē* como a medicina. "Ele pretende fazer uma ciência da magia do verbo" (ROMILLY, 1973, p. 162; tradução nossa), indicando, conforme a autora, a intenção grega sempre presente de submeter o irracional à racionalidade.

[11] Apesar dessa interpretação, Dinucci (2017, p. 28s) nos informa que o termo *apátē* propriamente não aparece no texto do *Elogio de Helena.* Neste há ocorrência de *apatéma*, artifício, estratagema, como indicamos acima, e de *apatáō*, verbo. Não obstante, estamos diante da mesma família de termos que indicam esse poder "sedutor" do *lógos* descrito por Górgias e que aqui tanto nos interessa. Mas o mesmo estudioso não considera o discurso em questão enganador no sentido negativo que atribuíamos hoje ao termo; explica que para os gregos da época de Górgias engano poderia ter carga positiva de significado, sendo o discurso aqui apresentado e como apresentado, sedutor.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

mente, enredam o homem com seus artifícios persuasórios. Assim, conforme Mourelatos (1987, p. 156; tradução nossa),

> [...] palavras são dispositivos de falsa-aparência e faz-de-conta num jogo pelo qual os humanos são inextrincavelmente e universalmente atraídos, desde a infância. [...] A questão correta a fazer sobre a palavra não é "O que ela significa?" ou "Que imagem ela traz à mente?", mas antes "Quais estímulos ela suscita?" e "Quais efeitos ela tem nos outros falantes da língua?"

O poder do discurso (*ho lógos*), com suas palavras persuasivas (*hoi lógoi peîsai*), sobre a opinião acontece, segundo Górgias, devido à falta de onisciência humana. Animal aprisionado a um presente que não consegue examinar com precisão e dotado de memória falha, o homem também não possui a capacidade de prever o futuro. Em razão disso, tem lugar a opinião, que aconselha e pode, inclusive, ser má conselheira quando é falsa. A opinião é cambiável, dá a quem a tem "uma felicidade vacilante e sem resistência" (*Elogio de Helena,*11).

Na opinião age o discurso persuasivo enganador. Ela leva à alma a necessidade de ser persuadida por aquilo que é dito e faz dessa alma condescendente com o que alguém que discursa apresenta, ou diz que alguém defendido pelo discurso proferido fez. Assim, para o pensador, a persuasão põe na alma o que ela bem entender. Para isso é preciso que tal alma esteja disposta a aquiescer e sentir o que lhe é sugerido: medo, alegria, raiva; é preciso que esteja disposta a se pôr num estado como que enfeitiçada ou mesmo entorpecida. "Essas são as emoções que a retórica se esforçará por esclarecer e inspirar sobre comando" (ROMILLY, p. 161; tradução nossa) de um orador, de um homem e não de um deus. No entanto, salienta ainda Dinucci (2017), essas possibilidades do discurso têm efeito moral neutro, pois não seriam elas mesmas nem benéficas nem maléficas ao ouvinte (especialmente quando se trata do discurso poético), porém, seu aspecto moral dependeria da forma como é intencionalmente empregado e do modo como conduziria a opinião. E é por isso que Helena não pode ser condenada, caso tenha sido vítima do discurso. Foi, portanto, o *lógos* um dos possíveis motivos para que Helena tenha deixado o trono e o marido, embarcado às escondidas na nau de Páris; tenha atravessado o mar Egeu e ido ser senhora de sua infâmia em Troia. Pode ter sido o discurso mal intencionado, com a ação de suas pode-

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

rosas palavras, o motivador do deslocamento local da heroína, bem como das emoções que a cercaram, deixando-a como que enfeitiçada e convencida pelo príncipe troiano. Proposta de interpretação que se justifica mais uma vez com o auxílio de Dinucci (2017, p. 32), quando escreve: "Acrescentemos que a moralidade e imoralidade do discurso estão na intenção e no conhecimento daquele que o pronuncia", isentando Helena da culpa por ter sido seduzida pelo que quer que Páris tenha lhe proposto.

Com a leitura do *Elogio de helena* pudemos entender o *lógos* aí estabelecido como algo que comporta suas ambiguidades, ora indicando o "discurso", ora as "palavras", mas para os quais em conjunto pudemos indicar alguns traços característicos. Górgias afirma que é um "senhor poderoso" e com isso, ao nosso ver, indica um tipo de discurso cuja potência é tamanha, a ponto de conseguir persuadir uma nobre grega, de linhagem divina e excelente família humana, a abrir mão de sua condição de esposa e de soberana, sendo arrastada em sua desonra rumo a uma cidade estrangeira, o que trouxe males incontáveis para si e para seu povo. Ao mesmo tempo que imortaliza a infâmia de uma personagem como Helena, o *lógos* pode também retratá-la gloriada em seu *Elogio*, que é igualmente um elogio do próprio *lógos.* Este dispõe de variados recursos persuasivos ou sedutores, especialmente mobilizados por meio das palavras também poderosas que emprega. Estas, em um conjunto bem orquestrado, podem agir de forma encantatória, ter efeitos como os de remédios (ou de venenos! *phármakoi*), transformando a dor em prazer. Ademais, o discurso age na alma humana, mudando opiniões e despertando diversas emoções em pessoas variadas. E, Conforme Mourelatos (1987, p. 135), esta seria a função prática e retórica do *lógos* proposta no tratado em questão: pôr a mente em um estado afetivo por meio da persuasão, teoria que é favorável a proposta do nosso estudo.

A leitura do *Elogio* que apresentamos poderá permitir que destaquemos suas familiaridades com os discursos proferidos pelo narrador e pelos personagens de "Famigerado", assim como permitirá demonstrar a força que o *lógos,* presente em uma só e não tão simples palavra, possui. Força essa que mobiliza uma jornada em busca de conhecimento, ou, pelo menos, de esclarecimento por parte de um homem afamado por resolver todas as suas questões na base de "argumentos não verbais" e de sintaxe muito mais sim-

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

ples e efetiva. Caso obtenhamos êxito no que propomos, talvez operemos ainda certa reabilitação do texto de Górgias, que, de acordo com Barbara Cassin (2005, p. 293), comparando o tratado de Górgias com a Helena nele defendido, explica que

> é um texto, tal como ela, amado por oradores, mas odiado pelo gentio respeitável; tratado com ligeireza tanto por filólogos, [...] quanto por filósofos, que o liam a seus modos, em posse de Platão, não como um jogo criador de um mundo, mas como o gracejo cínico de um charlatão pretensioso[12].

Passemos então à análise da possibilidade da existência de traços do discurso retórico defendido por Górgias estarem presentes em "Famigerado".-

A presença do *lógos* de tipo gorgiano em *Famigerado*

Nossa questão é, então, perceber se podemos afirmar que há um *lógos* do tipo ou dos tipos propostos por Górgias, especialmente no *Elogio de Helena*, cuja presença seja constatável também no conto "Famigerado". Para isso precisamos revisitar o texto de Guimarães Rosa, a fim de apoiar nosso investimento teórico que pretende uma resposta positiva à questão proposta.

Essa possibilidade de interpretação está presente no conto como um todo, posto que o doutor, cujo nome não se dá a conhecer, é o narrador da estória no que o conto se constitui. Dessa forma, é possível tomar o seu discurso em dois movimentos: a) dirigido à persuasão de quem o lê, e, b) dirigido à persuasão de seu antagonista, o jagunço, na trama urdida pelo autor da narrativa, Guimarães Rosa.

[12] Vemos razões semelhantes, às apresentadas por Cassin na defesa de Górgias, defendidas por Osório Barbosa na apresentação que faz à obra organizada por Aldo Dinucci, *Górgias de Leontinos*, quando argumenta o porquê de tanta oposição ao pensamento georgiano: "[...] é por ser devastador que todos os seus adversários o querem escondido, longe do acesso fácil por parte daqueles que estão dispostos a conhecer o diferente, o inovador, o provocador, o que faz pensar e descobrir, o que dá segurança e ao mesmo tempo nos despe de pretensões sapienciais e mostra que a sapiência de quem se diz sapiente é tão frágil que o mais digno seria é reconhecer que cada homem é um mundo a (sic) parte, como já o disse o sábio popular, 'cada cabeça, uma sentença', mas que não se esquece com extrema facilidade quando uns querem que todos pensem igual a um único iluminado!" (BARBOSA, 2017, p. 12).

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

O relato é iniciado pela descrição minuciosa da chegada de quatro inesperados visitantes à moradia do médico. Tais visitantes, até então suspeitosos, dizem mais ao doutor por suas simples presenças e fisionomias do que por palavras ou discursos. Diante dessa inusitada situação, o narrador-protagonista é tomado por tal medo que chega a recorrer a uma figuração para dar sentido a emoção que o acometeu e para as reações que ela lhe provocou, demonstrando já sua habilidade com os vocábulos: o "medo é a extrema ignorância em momento muito agudo" (ROSA, 2001b, p. 57). Para além disso, o doutor buscava, em meio ao seu temor, alternativas de autopreservação, recorrendo a toda sorte de reflexões para tentar obter uma forma de escapar ao imbróglio no qual se viu envolvido.

Se lançarmos um olhar mais cuidadoso para esse medo sentido pelo médico começaremos a perceber o possível diálogo entre o *Elogio de Helena* e o conto "Famigerado". Embora ainda não estejamos no campo especificamente do *lógos*, entendemos que quando a vista do doutor pousa sobre seus inoportunos visitantes e faz o medo "miar-lhe" já temos uma proposta gorgiana em curso. Trata-se do fato de o pensador indicar que tudo que existe em realidade é de ordem física, inclusive o discurso (*Elogio de Helena,* 8). Indica também que todas as coisas sensíveis, como é o caso das quatro estranhas figuras que vêm bater à porta do médico, alteram o modo costumeiro de sentir, pensar e agir dos homens. Assim escreveu Górgias:

> Ora, por intermédio da vista, a alma é marcada até em seu modo de ser. [...] de modo que, com freqüência, na presença de um perigo por vir, alguns fogem acometidos pelo pavor. Porque a verdade do sofrimento instala-se através do pânico que a visão transmite; esta mesma visão que, sobrevindo, produz satisfação quando da visão do belo discernido conforme a lei e quando da visão do bem produzido conforme a justiça. Certas pessoas, logo que vêem coisas terríveis, perdem, neste mesmo instante, o senso do presente, tanto o pavor apaga e afasta o pensamento (*Elogio de Helena,*15-17).

A visão afeta as coisas da alma, bem como o pensamento. Por essa via especulativa gorgiana, o médico foi, aos poucos, encontrando alívio, sobretudo a partir das primeiras proposições verbalmente expressas pelo jagunço, condutor daquela pequena tropa, que se recusara a entrar em sua casa, e que, ademais, esclarecera: não estava ali para consulta ou para receber receita médica. Essa declaração força o médico a tentar se organizar tan-

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

to emocional quanto racionalmente, afinal, que desconhecido o visitaria senão por seus serviços curativos? O cenário da entrevista se torna cada vez mais nebuloso e ambíguo com esta revelação por parte do jagunço. O enredo se complica quando este revela a que veio: para uma explicação, para tomar do médico uma opinião. A situação torna-se mais embaraçosa quando o jagunço revela toda a (má) fama que o acompanha, embora diga com certa deferência: ""Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra..."" (ROSA, 2001b, p. 58).

A revelação engendrou uma impressão bem pior do que aquela que o médico apenas havia visualizado desde as fisionomias dos homens que dele se acercavam. Ainda que tivesse ouvido estórias afirmadoras de que o jagunço, agora identificado, "serenara", não lhe autorizavam a confiar em "tréguas de pantera" (ROSA, 2001b, p. 58). O sobressalto provocado pela circunstância abrupta fez com que o médico acentuasse os seus temores e tentasse encontrar possibilidades de escape. O fato de Damázio ter-lhe declarado a sua insatisfação com o estrondoso moço do Governo que "muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado..." (ROSA, 2001b, p. 58), demonstrara bem o seu alterado estado emocional.

A alteração emocional destacada entra em conformidade com o afirmamos anteriormente. Desde o início da trama o monólogo narrativo estabelecido com quem lê o conto e o diálogo (ou quase monólogo) travado entre os personagens principais nos permitem corroborar a presença de elementos significativos da abordagem retórica das propostas teóricas de Górgias no "Famigerado" de Rosa.

A arte retórica aparece na Grécia do século V a.C. como artifício de extrema utilidade em comunidades daquele tempo, como era a Atenas então democrática. Um sofista é, entre outras coisas, um professor de retórica, sendo essa a sua tarefa principal, e, por essa razão, oferecia, aos que lhes pagassem, ensinamentos práticos sobre as formas de bem se expressar em instâncias importantes de decisões da vida na *pólis*. Os sofistas, portanto, ensinavam, e vimos que era isso que Górgias se propunha como sendo capaz de fazer: elaborar discursos que poderiam favorecer uma ou outra opinião sobre um só assunto, discursar sobre qualquer assunto que lhe fosse proposto e robustecer argumentos fracos. Ademais, esses "professores" preparavam

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

jovens sofistas para que pudessem exercer a profissão sofista, como sustenta Guthrie (2007)[13]. Para jovens bem-nascidos que se destinavam à política, o sofista propunha ensinar a vencer as discussões que teriam de enfrentar em espaços como a Assembleia e os Tribunais, o que o comentador citado aponta como um dos motivos de sua má fama frente aos atenienses mais conservadores. Ensinamentos muito úteis para a época e a população local, mas que também não usufruíam de boa fama, donde a ambivalência quanto às suas perspectivas e expectativas.

Sendo a retórica essa arte de discursar publicamente ensinada pelos sofistas e, tempos depois, repensada por Aristóteles como um instrumento citadino poderoso a ponto de mexer com as emoções do público ao qual se direcionava, como poderíamos continuar a encaixar as propostas do sofista que se auto indicava como professor de retórica no conto que lemos? É a esse exercício que nos lançamos agora, tendo sempre em vista o itinerário anteriormente mencionado: o esforço de convencimento de quem lê o conto por parte do narrador, mediante seu relato e, fundamentalmente, a conversa estabelecida entre Damázio e o doutor.

Em *Elogio de Helena*, Górgias declara: "a alma experimenta, diante das alegrias e dos reveses que advêm de ações e de corpos estranhos, por *intermédio dos discursos*, uma paixão que lhe é própria" (9, grifos nossos). Portanto, as afecções pelas quais a alma passa são efeitos da enunciação de palavras que carregam consigo essa capacidade. Estamos a falar de forma insistente sobre esse poder do *lógos* de mobilizar gestos e ações humanas, conforme afirma Muhana:

> Se alguém vê um homem com armas e isso lhe significa um inimigo, ele amedronta-se e foge, ou se encoraja e luta; se lhe significa que é uma comédia, ele ri. E assim por diante. Basta ter ouvidos para ouvir palavras, e basta ter olhos para ver coisas amáveis e temíveis, pois há sempre aparências e sons que enganam. É no interior deste engano (*apatê*), cujo consentimento é inevitável e irresponsável, que o verossímil se instala (2000, p. 43).

Esse verossímil é instalado, desse modo, mediante o engendramento qualitativo muito específico de palavras, frases e orações na composição dos

[13] Ver *Górgias* (449b), se é que podemos confiar em relatos feitos por Platão sobre um sofista (DK82A15a). Sobre as habilidades de Górgias, ver também DK82A7 e 25, Cícero, *De finibus* II 1, 1-2, Diógenes Laércio (6.1; 6.49), Filostrato (*Vida dos sofistas* I 13), entre outros.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

discursos, a saber, por meio das figuras de linguagem, especificamente, as chamadas figuras (*trópoi*) gorgianas, que conhecemos por intermédio de testemunho. A *Suda* (DK A 2) afirma que Górgias "foi o primeiro a dar ao aspecto retórico da cultura e razão persuasivas, mediante a utilização de tropos, metáforas, alegorias, hipálages, hipérbatos, anadiploses, epanaleses, apóstrofes [...]". A nossa aposta reside no fato de o discurso do narrador de "Famigerado" ser fortemente artificioso e persuasivo, o que nos permite corroborar a presença ostensiva das chamadas figuras gorgianas[14] no conto de Rosa, como um dos recursos que fazem do *lógos* um senhor poderoso. Embora as figuras de linguagem fossem utilizadas por pensadores anteriores a Górgias, foi somente com a instauração de sua retórica que elas ganharam força, fazendo com que a prosa, enquanto oratória, fosse matizada por elementos característicos da poesia. Vejamos, então, algumas passagens de "Famigerado" em que o doutor faz uso do referido expediente gorgiano.

A figura de maior presença no relato do doutor é a *aliteração*[15]. É possível identificar a utilização desse recurso em oito ocasiões. Segundo nosso ponto de vista, essa repetição aliterativa visa a marcação do ritmo da narrativa, com o intuito de o narrador buscar amainar o seu vocabulário rebuscado mediante a musicalidade poética. Assim o faz por exemplo, quando, ao visualizar a chegada de seus misteriosos visitantes, descreve-os da seguinte maneira: "um cavaleiro a **rente**, **frente** à minha porta, **equiparado**, **exato**; e **embolados** de **banda**, três homens a cavalo" (ROSA, 2001b, p. 56, grifos nossos). Faz o mesmo ao discorrer sobre a montaria do cavaleiro que liderava a tropa: "Seu cavalo era alto, um alazão; bem **arreado**, **ferrado**, **suado**" (ROSA, 2001b, p. 56, grifos nossos), e ao comentar de forma jocosa sobre aqueles que o seguiam: "Os **outros**, **tristes três**" (ROSA, 2001b, p. 56, grifos nossos). Sobre a aparência dos quatro cavaleiros que se acercavam de sua moradia, ele destaca: "Semelhavam a gente receosa, **tropa des-**

[14] Talvez pelo recurso a ferramentas como as "figuras" Cassin tenha proposto, embora ao abordar o *Tratado do não-ser*, que "a sofística é uma espécie de poesia, poesia de gramáticos talvez, que se esforce em desvelar os mecanismos da graça eficaz da linguagem" (CASSIN, 2005, p. 18). Ademais, é pelo uso que Górgias fazia dessas figuras, especialmente da metáfora pouco clara, que Aristóteles o acusou de ser exageradamente poético (*Retórica* III; e não foi o único a fazer tal acusação), não percebendo que *lógos* é diferente de poesia. Além disso, Diodoro Sículo e Dioniso de Halicarnasso afirmam que Górgias teria sido o primeiro a fazer uso de tais recursos (DK82A4).

[15] Conforme Morais (2017, p. 18), *parēchēsis* é a "repetição de sons entre palavras próximas, a aliteração é sua forma mais reconhecível".

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

baratada, **sopitados**, **constrangidos** – **coagidos**, sim" (ROSA, 2001b, p. 56, grifos nossos). Em sua análise minuciosa, nada escapa ao olhar do doutor, nem mesmo os simples movimentos efetuados pelo cavaleiro condutor, como quando ele "Re**te**ve no **pu**lso a **po**nta do cabres**to**" (ROSA, 2001b, p. 58, grifos nossos), e no "**Tanto** que ele **persistia** de braço direito **pendido**, **pronto** meneável" (ROSA, 2001b, p. 58, grifos nossos). O desdobramento da aliteração persiste em mais duas ocasiões: no momento em que é cobrado pelo jagunço Damázio a revelar o significado da expressão "famigerado": "sua voz **fora** de **foco**. E já me olhava, **interpelador, intimativo** – **apertava**-me" (ROSA, 2001b, p. 60, grifos nossos), e, ainda nos momentos iniciais do relato, a um olhar inquiridor lançado pelo médico aos comandados do jagunço, este esclareceu: "Estes aí **são** de **nada não**. **São** da **Serra**. **Só** vieram comigo, pra testemunho..." (ROSA, 2001b, p. 60, grifos nossos). É necessário destacar que esta última fala, embora seja atribuída ao jagunço, quem a divulga é ainda aquele que narra a estória acontecida: o doutor. Em outras palavras, é de fundamental importância que quem o lê acredite no fato ocorrido dessa forma. De todo modo, em última instância, nós lemos a fala do jagunço atravessada pela grelha narrativa do médico. Percebemos nessa sobreposição de vozes a intromissão sorrateira de uma outra figura gorgiana, qual seja, a *antítese*[16], que coloca em questão a própria validade da estória enquanto fato realmente ocorrido, conforme a frase que abre a narrativa, que pode ser tomada como uma espécie de lapso linguístico por parte do narrador: "Foi incerta a feita – o evento" (ROSA, 2001b, p. 56).

Outra figura gorgiana que vai acompanhar a aliteração na função de dar ritmo à narrativa é o *homeoteleuton*[17]. Observamos a presença do referido artifício na ocasião em que o doutor imprime em sua fala a harmoniosidade da rima, acentuando, desse modo, a paz alcançada entre ele e o jagunço Damázio, quando este, jubiloso em saber que "famigerado" não era uma expressão "desaforada", "caçoável", nem que provocasse "arrenegação" ou "farsância", libera os três homens que trouxera subjugados, à guisa de teste-

[16] Conforme Morais (2017, p. 19), "justaposição de frases ou sentenças contendo pensamentos contrastantes".

[17] Conforme Morais (2017, p. 19), "repetição de sons no fim de sucessivas palavras ou sentenças para produzir rima".

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

munhas, desde a Serra. Em outras palavras, "**Satisfez aqueles três**" (ROSA, 2001b, p. 61, grifos nossos). Nas palavras de Carneiro,

> Damázio é um *leitor* que busca um *texto* que não o agrida, que não o abale de uma forma ou de outra, um texto que o conforte. Busca a palavra do médico como se consultasse um oráculo – o médico sendo o dono do invisível, daquilo que não se sabe –, esperando ouvir não proféticas maldições, mas alguma revelação salvadora (2003, p. 266, grifos nossos).

A *metáfora*[18] é a segunda figura gorgiana de maior prevalência no conto, aparecendo em, pelo menos, sete ocasiões. No nosso modo ver, a metaforização de frases efetivada pelo narrador visa demonstrar a sua estratégia enunciativa de, por um lado, persuadir tanto quem o lê quanto aquele a quem ele se dirige na estória narrada, e, por outro, ganhar o tempo necessário para responder a uma grave interpelação. Nesse sentido, o pendor poético da metáfora, presente na prosa pronunciada pelo doutor, provoca um efeito particularmente ambíguo, tanto em quem o lê quanto no seu antagonista. Pois o que se espera, ao se fazer uma consulta a um médico, ainda que seja para a explicitação do significado de uma palavra, é um discurso direto, objetivo, sem rodeios. Em outros termos, espera-se dele um discurso denotativo, literal, e não um enunciado conotativo, figurado. A utilização, portanto, do expediente metafórico pelo médico, exige de quem o lê uma laboriosa interpretação, exercício este impossibilitado ao jagunço Damázio, posto que analfabeto.

A primeira manifestação da metáfora dá-se logo no início do relato, demonstrando a perplexidade do narrador diante de um fato que o arrancou de sua rotina: "Quem pode esperar **coisa tão sem pé nem cabeça?**" (ROSA, 2001b, p. 56, grifos nossos). Em outro momento, a descrição física que o médico faz do jagunço, aproxima-o da aparência de um ser não humano: "Pequeno, mas duro, grossudo, **todo em tronco de árvore**" (ROSA, 2001b, p. 58, grifos nossos). Diante da recusa de Damázio, "Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede **nem surdez de paredes**" (ROSA, 2001b, p. 58), à oferta de um bom anfitrião, a que o doutor se prestou, ao convidá-lo a entrar em sua casa, fez com que fossem levantadas cismas e desconfian-

[18] Segundo Dinucci (2017, p. 34), "figura de linguagem que se caracteriza pela afirmação de que alguma coisa se assemelha a outra não diretamente relacionada.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

ças sobre as reais intenções daquele que percorreu seis léguas desde a Serra para ir ao seu encontro. No ensejo em que Damázio ensaiava a explicação que o levara até a moradia do doutor, o jagunço interrompeu sua própria fala, pois percebera que ela se dera de forma atropelada, não elaborada, fato esse que o irritou, conforme as enigmáticas palavras do médico, como que fazendo uso de seu labor profissional: "**Contra que aí estava com o fígado em más margens**" (ROSA, 2001b, p. 58). Em outras duas circunstâncias, veremos a execução da metáfora sendo manifestada na fala do jagunço e não na do doutor. Relembrando o nosso argumento de que só sabemos o que foi pronunciado por Damázio porque o médico assim o relatou, pois ele é quem nos narra a estória cujo protagonista é sua própria pessoa. A primeira se dá quando o jagunço, depois de muito insistir para que o doutor lhe desse o significado do termo "famigerado", pois, até então, o médico postergava a conceder-lhe essa possibilidade, usando sinônimos outros distantes do universo vocabular de Damázio, clama que ele traduza a referida palavra na "Linguagem **de em dia-de-semana**" (ROSA, 2001b, p. 60, grifos nossos). A segunda, quando, finalmente, depois de ver atendido o seu pedido e de ter se apropriado da acepção, ainda que parcial, da palavra que ouvira na Serra da parte do "moço do governo" (ROSA, 2001, p. 58), Damázio, entusiasmado e agradecido, assim se dirige ao doutor que dela o inteirou: "**Não há como que as grandezas machas** duma pessoa instruída!" (ROSA, 2001b, p. 61, grifos nossos).

Destacamos agora outra figura gorgiana, a *paranomásia*[19], sendo esta, segundo o nosso ponto de vista, talvez a mais importante no que diz respeito a relação estabelecida entre o narrador e quem o lê, pois marca o pano de fundo do conto quanto ao seu gênero, a saber, o cômico. Nos termos de Rosa, "*A estória não quer ser história. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota*" (2001a, p. 29, grifos do autor). Com tal afirmação, o escritor reputa relevada importância ao papel que o risível cumpre numa narrativa em termos de matização de elementos outros que não se dão a ver de forma imediata e superficial, pois, para ele,

[19] Conforme Morais (2017, p. 19), "jogo de palavras frequentemente utilizadas em sentenças ou frases paralelas contendo assonância e trocadilhos".

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

> *No terreno do* humour*, imenso em confins vários, pressentem-se mui hábeis pontos e caminhos. E que, na prática de arte, comicidade e humorismo atuem como catalisadores ou sensibilizantes ao alegórico espiritual e ao não-prosaico, é verdade que se confere de modo grande* (ROSA, 2001a, p. 29, grifos do autor).

Cremos, dessa forma, que a intenção fundamental do narrador ao contar a estória que surpreendeu até a ele mesmo, é alcançar o efeito drolático no leitor e na leitora. Tal efeito, no entanto, não alcança o seu antagonista, o jagunço Damázio, já que este é justamente a razão do riso que a estória oferece, tornando-se, desse modo, aquele que não tem consciência da anedota no que o doutor o transformou. Como que tendo aprendido uma lição tomada de Górgias (FONTES, 2017, p. 129), o médico solapou a gravidade imposta por seu antagonista pela via do bom humor. Observamos a presença da paranomásia em quatro trechos do conto. Em um deles, ainda quando o médico analisava a aparência de Damázio, desde seus gestos, modos, trajes e trejeitos, chega à conclusão de que ele era "jagunço até na escuma do bofe" (ROSA, 2001b, p. 57). Na mesma linha de raciocínio, o doutor também percebe que o estilo de Damázio não passa pelo exercício da paciência e do diálogo, mas pelos gestos imprevisíveis, "podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és" (ROSA, 2001b, p. 57), donde o seu temor maior: "Com um pingo no i, ele me dissolvia" (ROSA, 2001b, p. 57), querendo dizer com isso que, num rompante, Damázio poderia dar cabo dele com um tiro certeiro na cabeça.

Se, conforme afirmamos, o doutor, por meio de sua narrativa, fez de Damázio a temática do risível que dá ao conto o seu pendor pela comicidade, por sua vez, o jagunço, à sua maneira, ou seja, grave, séria, bruta e ameaçadora, também faz com que o leitor e a leitora esbocem risos pelos cantos dos lábios, ao assistir de camarote a situação adversa que o protagonista precisou enfrentar. Dessa forma, se foi pela paranomásia que o narrador fez de Damázio uma piada, foi por meio da *hipálage*[20] e da *catacrese*[21], tendo como vetor do processo a questão do medo por que passa o doutor, que o jagunço perpetra sua vingança. Obviamente que tal vingança se realiza de forma in-

[20] "Figura de linguagem que se caracteriza pela atribuição de um adjetivo que pertenceria a um substantivo, a outro" (DINUCCI, 2017, p. 34)

[21] "Figura de linguagem que se caracteriza pelo uso de um termo na falta de outro mais apropriado" (DINUCCI, 2017, p. 34).

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

consciente para Damázio, pois é sabido que ele figura apenas como personagem da estória narrada pelo médico. O que este não pôde evitar, no entanto, enquanto autor do relato, foi a necessidade de estabelecer contrapontos entre ele e seu antagonista. Se ele era o doutor, Damázio precisava ser o jagunço. Se ele era o dono da palavra, o jagunço teria de ser o dono das armas. Se ele persuadia pela ilustração, o jagunço deveria se impor pela força. Se para Damázio a palavra só provocava desconfiança, para o médico as armas causavam medo. A despeito desses antagonismos que, a princípio, conduziriam a um desfecho trágico, o narrador alcançou operar uma reviravolta curiosa e favorável a ambos, posto que cômica e anticlimática.

Vejamos como se dá a hipálage, cujas ocorrências se deram em quatro oportunidades. No momento em que o doutor vê a inusitada chegada dos quatro cavaleiros tendo à frente a intimidadora feição de um jagunço, declara: "Tomei-me nos nervos" (ROSA, 2001b, p. 56). Ao ver em Damázio a figuração exata de tudo que ele representava em termos de atemorização, vê a sua coragem reduzida à condição não humana de um apavorado gato: "O medo me miava" (ROSA, 2001b, p. 57). Mais à frente, quando Damázio, impaciente com a procrastinação, reclama, de forma interpeladora e intimativa, o significado da palavra "famigerado", o doutor confessa: "Habitei preâmbulos" (ROSA, 2001, p. 60), não restando nada a ele senão arrazoar: "Só tinha de desentalar-me" (ROSA, 2001, p. 60). A catacrese é formulada por duas atípicas expressões, talvez as sínteses que resguardam com maior densidade o que representou para o doutor a visão infernal provocada pela aparência de Damázio: "o oh-homem-oh" (ROSA, 2001b, p. 56), e seu respectivo efeito: "O medo O" (ROSA, 2001b, p. 57).

Após o emprego de todos esses recursos e dos volteios de "teias de aranha" executados pelo médico (ROSA, 2001b, p. 59), Damázio pede finalmente a explicação sobre o que tanto lhe afligia, por meio de uma derradeira figura gorgiana presente no conto, a *alegoria*[22]: "cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca..." (ROSA, 2001, p. 61). Pede, então, que o doutor explique o que é "*fasmigerado... faz-megerado... falmisgeraldo... familhas-gerado...?*" (ROSA, 2001, p. 59, grifos do autor). Tantas reticências ao final das falas do jagunço nos parecem indicar nova-

[22] Segundo Dinucci (2017, p. 34), "um conjunto de metáforas".

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

mente todo o caos mental e emocional no qual se encontrava. Porém, é justamente nesse momento que se revela ao doutor o motivador da abrupta visita do jagunço: ele veio para uma consulta, porém, não médica, mas semântica. A partir desse ponto começa a figurar ainda mais claramente o que queremos ver: o que move Damázio pelas seis léguas da Serra até o Vilarejo onde chega é *uma palavra* que lhe é desconhecida. Tal palavra, provocadora de todo o mal-entendido que dá o tom bem-humorado ao texto, fora proferida em meio ao discurso do moço "esmiolado" do Governo. Ela chega aos ouvidos de pouco vocabulário de Damázio e ali bate como uma pedra: era xingamento e ofensa das grandes? Fosse em outras épocas, a questão estaria resolvida para um jagunço, sem a necessidade da procura de alguém com conhecimento em questões vernáculas.

Porém, o homem de aparência intimidadora, fala atravessada e fama desastrosa, nesse ponto da vida no qual se diz sem saúde e sem idade para soluções efetivas tomadas de forma repentina, agora pondera e busca auxílio em opiniões mais adequadas a fim de escutar algo que o ajude a formar a sua própria opinião sobre o caso. Isso porque, como destaca Dinucci (2017, p. 36), "da mesma forma que o discurso é persuasivo por ter diante de si a opinião incerta, a opinião manifesta sua instabilidade diante do discurso". Nesse aspecto é que percebemos reforçado o papel quase retórico do doutor. A princípio, acercado de súbito pela pergunta, precisou improvisar uma resposta. E, como ressaltam Filostrato (I Proêmio; I 9), Cassin e Morais (2005; 2017), o improviso em si já se desenha como traço especial dos discursos de Górgias, tornando nosso doutor cada vez mais gorgiano[23]. No entanto, após arrefecer-se um pouco do calor provocado pela questão e com seu temor mais amainado, pôde pensar melhor na resposta que daria à pergunta de Damázio e traria a salvação ou a danação dos envolvidos na querela. Nesse ponto da conversa, portanto, o doutor recua, ganha tempo, como a tentar ponderar melhor o que tinha a dizer ao jagunço. Repete a palavra causadora da situação, "*Famigerado?*" (ROSA, 2001, p. 60), a ponto de fazer Damázio

[23] Conforme Cassin (2005, p. 205), Górgias, com sua enorme capacidade de improviso, pela qual chegava mesmo a pedir a seus auditórios que lhe ditassem um tema sobre o qual discursar (DK 82A7; *Górgias* 447c), indicava-se como capaz de falar sobre qualquer assunto conforme oportunidade (*kairós*). Aqui, devido à oportunidade (ou à necessidade do momento) é que o doutor se gorgianiza. Gorgianizar, informa-nos Morais (2017, p. 18), provavelmente valendo-se da proposta de Filostrato (I 9), seria sinônimo de fazer retórica.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

corar e falhar na voz ao buscar repetir a dita palavra, demonstrando toda sua raiva e desconcerto por coisa tão pequena e ao mesmo tempo tão poderosa.

A reação do jagunço é seguida da exigência da explicação. Intima o doutor que se decida entre as possibilidades ambíguas da palavra, para que construa, então, sua fala decisiva. Opta por tomar o partido da boa possibilidade, após ver a irritação de Damázio com os primeiros ensaios de reposta que comportavam sinônimos mais empolados e neutros para o vocábulo:

> – *Famigerado* é inóxio, é "célebre", "notório", "notável"...
> – "Vosmecê mal não me veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?"
> – Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...
> – "Pois... e o que é que é, em fala de gente pobre, linguagem de dia-de-semana?"
> – *Famigerado*? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito... (ROSA, 2001b, p. 60).

Conclusão

Após todas as circunstâncias que levaram à opção pelo sentido mais lisonjeiro da palavra para a construção da explicação do doutor, percebemos o engendramento de um discurso semelhante àqueles discursos retóricos reputados por Górgias no *Elogio de Helena* e descritos em certos testemunhos. Ademais, esse desfecho poderia nos levar a concordar com Mourelatos (1978, p. 135), quando escreve que, para o Górgias do *Tratado do não ser*, o discurso nunca transmite ao ouvinte uma informação que quem discursa possa ter[24]. As formulações e a escolha de sentido que faz para a palavra, que tinha capacidade de soar danosa, poderiam ter sido contrárias; poderiam, com isso ter levado o caso a um desfecho que deixaria o moço do Governo e, provavelmente, o próprio médico em apuros. No entanto, após sua sagaz escolha de sentido, bem como após a esperta formulação de seu discurso, da jura que era verdadeiro o que dizia – tão verdadeiro e sincero quanto o diabo! –, persuadiu Damázio que dano nenhum havia sido feito à sua reputação. Ao falar com a destreza digna de alguém educado nas artes retóricas

[24] Sobre uma possível reconciliação da antítese existente entre propostas como esta do *Tratado do não ser* e o Elogio do poder do logos no Elogio de Helena e sobre a possibilidade de comunição, ver *Gorgias on the function of the languade*, de A. P. D. Mourelatos.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

por um sofista, o médico punha fim ou encaminhava bem "o famoso assunto" (ROSA, 2001, p. 61).

Fora esse aspecto da escolha do sentido da palavra, a elaboração do discurso, com suas poderosas palavras, é ainda um aspecto do discurso retórico de extrema importância. Este é ressaltado tanto por Górgias quanto por filósofos como Aristóteles (*Retórica* II): um discurso é capaz de emocionar porque leva a tecer opiniões diversas e talvez possa levar a agir. Ao final da conversa, o doutor afirma a Damázio que o que ele mais queria era ser famigerado, "bem famigerado, o mais que pudesse" (ROSA, 2001, p. 60) – precisamos ressaltar – e com isso acalma a raiva do jagunço. Uma vez acalmado, o doutor pode, agora, ver apaziguado também o medo que ele mesmo sentira, já que conseguiu manipular convenientemente e de forma pacífica a opinião do jagunço, o que autores como Cassin (2005, p. 55), Dinucci e Morais (2017, p. 22s) chamariam de "sedução do discurso" proferido em momento oportuno (*kairós*). O discurso do médico, porque ficcional, criara para Damázio um mundo aprazível às suas formulações limitadas. Por tais motivos, pensamos que a construção discursiva do médico pode ainda admitir tons de elaboração ficcional, sendo mesmo marcada de modo especial pelo uso de algumas das figuras gorgianas indicadas, já que não abarca a plenitude do sentido da palavra "famigerado". Com sua opção cria uma estória que pensa ser satisfatória para o ego de Damázio, pondo fim à pendenga. Isso também pode ser interpretado à luz das propostas gorgianas acerca do discurso, mas agora são propostas acerca de um discurso poético como a tragédia, ao qual a retórica gorgiana se assemelha pela força ilusória:

> enganava com histórias e circunstâncias e, como disse Górgias quem engana é mais esperto que quem não é enganado. Pois o que engana é mais correto porque fez exatamente aquilo que prometeu; e quem é enganado é mais esperto porque facilmente afetado pelo prazer das palavras (DK B23)[25].

A criação do doutor é um discurso que diz algo entre o verdadeiro e o falso, usando recursos para que soe verossímil[26] e, com isso, faz alterar as

[25] Nesse fragmento é usado o termo *apátē.* Todas as citações indicadas pela referência à Diels e Kranz foram feitas a partir da tradução apresentada por Luís Márcio Fontes (2017) no livro *Gorgias de Leontinos*.

[26] Ver Cassin (2005, p. 216s) sobre as relações entre *pseûdos* e *plásma* na sofística, numa logologia, que permite falar mentiras que aparentam verdade, aparentando retórica sofística e literatura. Também Platão, no *Fedro*, ressalta o apreço que Gógias e Tísias tinham pelo

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

reações emocionais do outro, assim como fazem os poemas antigos com as pessoas que os escutavam (ROMILLY, 1973). Nesse tipo de fabulação estaria esclarecida a intenção de enganar, porém no sentido grego, sem prejuízo especial de nenhuma das partes; ao contrário. A persuasão enganosa aqui empregada não se vale de todo seu poderio de malefício, sendo até mesmo prazerosa e causadora de empatia[27] como poderia ser para os gregos (DINUCCI, 2017). Damázio se deixa enganar pelo *lógos* do doutor como um espectador de tragédia se deixa levar pelas palavras do poeta. Ganha por meio de seus ouvidos o desejado esclarecimento acerca de um mundo[28] que antes lhe soava estranho e confuso, tornando-se assim "mais esperto", esclarecido e agradado daquilo que sua sensibilidade auricular permite à sua nova opinião.

Pela força do discurso, Damázio libera suas três tristes testemunhas para darem notícias do que ouviram e pode, então, voltar para a Serra. Retornará aliviado, sorridente, pacificado pela ação daquilo que aqui entendemos ser uma mostra ao menos similar ao *lógos*, senhor poderoso descrito por Górgias, e expresso na fabulação poética do médico do vilarejo.

Recebido em 07/05/2021 e aprovado em 11/06/2021

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 2 ed. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

verossímil e pelo provável, materializado em seu dom com as palavras: "o pequeno fazem aparecer grande e o grande pequeno, por força da palavra; que o novo revestem com o arcaico e o seu contrário como novo" (*Fedro,* 267a-b). Coisa semelhante ao que o doutor opera por meio de seu discurso à Damázio.

[27] Talvez aqui o sentimento de empatia estivesse mais presente no doutor, que precisou se deslocar para o lugar do outro a fim de prever um discurso que o agradasse e evitasse um desfecho desastroso para a conversa. Empatia não é algo que figure entre o palavreado que descreve em grego as emoções, mas pode ser algo aqui presente, como poderia estar presente na proposta de Górgias acerca da tragédia e seus efeitos, como ressalta Dinucci (2017, p. 44-45).

[28] Nesse caso devemos concordar com Cassin (2005, p. 63) quando esta afirma que o discurso fabrica o mundo, ou, a nosso ver, pode fabricar ao menos um mundo mais palatável à opinião do ouvinte.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

_____. "Dos argumentos sofísticos". In.: *Aristóteles*. v. 2. Tradução de Lael Valando e Gerd Bornhein. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

BARBOSA, O. "Apresentação". In: DINUCCI, A (org.). Górgias de Leontinos. São Paulo: Oficina do Livro, 2017, 1v. (Coleção Sofistas).

CARNEIRO, F. "O leitor vidente: uma conversa para teias de aranha". In: DUARTE, L. P. (org.). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003. p. 264-267.

CASSIN, B. *O efeito sofístico*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Maria Cristina Franco Feraz. São Paulo: Editora 34, 2005.

CICERO. *De finibus bonorum et malorum*. London: LOEB, 1914.

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado – investigações de antropologia política*. Tradução de Bernardo Frey. Porto: Edições Afrontamento, 1979.

DINUCCI, A. "A sedução do Discurso Poético no *Elogio de Helena* de Górgias". *Artefilosofia*, n. 6 (2009), p. 135-146. Disponível em: https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/raf/article/view/701/657. Acesso em 08 out. 2020.

_____. (org.). *Górgias de Leontinos*. São Paulo: Oficina do Livro, 2017, 1v. (Coleção Sofistas).

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: EdUnB, 1989.

FILOSTRATO. "Vidas dos sofistas". Tradução de Osvaldo Cunha Neto. In: CUNHA NETO, O. *Sofística segundo Filostrato*: *Interpretação, estudo e tradução das Vidas.* Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas, 2016. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:YUsOfsGP630J:repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/320915+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 27 out. 2020.

GORGIAS. "Elogio de Helena". Tradução de Barbara Cassin. In: *O efeito sofístico*. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. "Elogio de Helena". Tradução de Daniela Paulinelli. Belo Horizonte: *Anágnosis,* 2009. [Apresenta as traduções de textos gregos realizadas pelo grupo *Anágnosis,* da UFMG.] Disponível em: http://anagnosisufmg.blogspot.com/2009/11/elogio-de-helena-gorgias.html. Acesso em 03 de mar. 2020.

_____. "Elogio de Helena". Tradução de Aldo Dinucci. In: *Górgias de Leontinos*. São Paulo: Oficina do Livro, 2017.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

_____. "Tratado do não ser". Tradução de Aldo Dinucci. In: *Górgias de Leontinos*. São Paulo: Oficina do Livro, 2017.

_____. "Paráfrase do tratado do não ser no MXG". Tradução de Aldo Dinucci. In: *Górgias de Leontinos*. São Paulo: Oficina do Livro, 2017.

GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. Tradução de João Rezende da Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

ISÓCRATES. "Elogio de Helena". *In.*: *Contra os sofistas e Elogio de Helena de Isócrates*: *tradução, notas e estudo introdutório*. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (Dissertação). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. 2011.

LACERDA, T. C. E. de. "O Elogio de Helena de Isócrates: réplica a Górgias e a unicidade de seu discurso epidítico". *CODEX*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1 (2017), p. 61-76.

MUHANA, A. "Elogio de Górgias". *Letras clássicas*, n. 4 (2000), p. 33-50. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/268348967.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.

MORAIS, L. de. "Introdução". In*: Górgias de Leontinos*. São Paulo: Oficina do Livro, 2017, p. 17-26.

MOURELATOS, A. P. D. "Gorgias on the function of the language". *Philosophical topics*, v. XV, n. 2 (1987), p. 135-170. Disponível em: http://jstor.org. Acesso em: 24 de set. 2020.

NUNES, B. "O mito em *Grande sertão:* veredas". *Moara*. Belém, n. 14 (2000), p. 9-19.

PLATÃO. *Górgias*. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. *Fedro*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

PHILOSTRATUS; EUNAPIUS. *The lifes of sophists*. London: LOEB, 1922.

QUINTELA, A. C. "Guimarães Rosa e a política cultural do Estado Novo". In: DUARTE, L. P. (org.). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003. p. 61-65

ROMILLY, J. "Gorgias et le pouvoir de la poésie". *The journal of the hellenic studies,* vol. 93 (1973), p. 155-162. Disponível em: http://jstor.org. Acesso em: 18 set. 2020.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

ROSA, J. G. “Aletria e hermenêutica”. In: ROSA, J. G. *Primeiras estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

ROSA, J. G. “Famigerado”. In: ROSA, J. G. *Primeiras estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.